

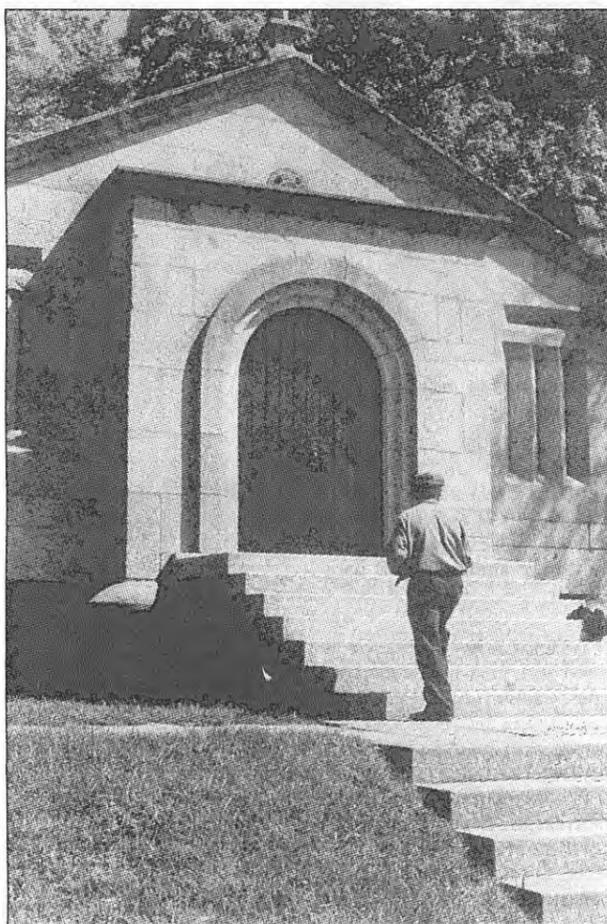


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCM

26 de Julho de 2003 • Ano LX • N.º 1549
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Capela do Calvário

BENGUELA

Festa da Obra da Rua

FUI surpreendido, ontem à noite, pela visita do «Solano», o nosso Domingos André, com a esposa Bety e o filho mais novo. Falámos da Festa da Obra da Rua. O dia 16 de Julho é um marco decisivo da sua história. Pai Américo nasceu para a Vida Eterna, nesse dia, no ano de 1956. Há quarenta e sete anos.

Esta data é um momento muito forte de reflexão. Donde veio a Obra da Rua? Como tem feito o seu caminho? Hoje, que diz de si mesma, iluminada pelo Espírito que lhe fala pela voz da Igreja e da porção da humanidade à qual foi enviada? É hora de meditação, de escuta atenta, de silêncio contemplativo das grandes coisas que Deus fez, ao longo da sua história, em todas as camadas sociais. Os Pobres mais pobres, as crianças da rua, o filhos abandonados, os doentes incuráveis foram e são o ponto de partida para o encontro com os que possuem bens materiais que devem ser comunicados, em nome da Justiça com a alma da Caridade. A Obra da Rua tem sido o

ponto de encontro privilegiado entre os que nada têm e os que têm sempre mais.

Em Angola, dilacerada pela guerra devastadora, a Obra da Rua tem experimentado a presença generosa de muitas vidas que se abrem ao apelo urgente da salvação de multidões em risco de morrerem. As ajudas vêm, sobretudo de Portugal. As feridas ainda estão a sangrar, é verdade. Continuam a ser necessários muitos meios até à cura que ainda vem longe, mas está a caminho, assim o cremos. Esta é uma das maravilhas que nos é dado contemplar na hora da Festa da Obra da Rua.

Se os meios materiais são indispensáveis, que seria se não houvesse pessoas, cem por cento dedicadas, até ao dom total das suas vidas?! A nossa Casa do Gaiato de Benguela está a viver da riqueza humana e espiritual da Teresa, mulher que fez da sua vida, desde a juventude, o dom gratuito aos filhos que perderam a mãe, mas não perderam o gosto de ter mãe. Outras

mães e outros filhos recebem também da abundância do seu coração. Está connosco, desde Março de 2002, o José Luís, engenheiro electrotécnico de muita categoria, que trocou a engenharia da electricidade pelo serviço gratuito a estes filhos e a esta gente, em verdadeiro sacerdócio comum dos fiéis. Bênção, sem medida, que o Pai do Céu nos faz! Outra porção muito querida da nossa vida são as crianças mais pequeninas do infantário, em experiência. São seis dezenas. Estão «um mimo», porque a avó Luísa, como lhe chamam, dá-lhes tudo o que sabe e o que tem no seu coração.

Uma das notas mais ricas da celebração do Dia da Obra da Rua é o encontro dos filhos que estão fora, já casados, ou solteiros, com os de dentro. Esta ligação que permanece, ao longo do tempo, não é fruto dos laços de sangue, mas do amor que os gerou para a vida. Por isso, alimenta em todos a unidade que os torna mais fortes para enfrentar a vida. Gosto de ouvir aos

Continua na página 4

Momentos

E DUCAR sempre foi uma tarefa difícil. Hoje é uma ocupação dolorosa! Apaixonante, sim, gloriosa também, mas geradora de muito sofrimento.

Mais do que uma ciência ou uma técnica, educar é arte cada vez mais rara e menos apetecida.

Perante as dificuldades, são muitos os que se demitem desta missão passando a exercer somente a função.

Os Padres da Rua que levam a vida toda a fazer homens, transformam-se pela experiência em peritos de educação, gemem como ninguém este terrível disfarce.

Torturados até à medula da alma, não desanimam nem que tenham de educar de rastos.

Os nossos rapazes, vindos das piores circunstâncias, isto é, dos meios menos educados, sofrem extraordinariamente os embates do ambiente cultural sem rumo, à procura do que satisfaz momentânea e imediatamente os sentidos.

O insucesso escolar é, quase sempre, um fracasso de educação, dêem os homens as voltas que lhes derem.

Não estou a espicaçar nenhuma curiosidade. Não senhor.

Aqueles que nos apoiam têm o direito de saber e nós de informar que o ano

escolar correu bem para todos, em geral, menos para o 7.º ano, exactamente aquele que nos deu mais trabalho, a quem mais favorecemos e sobre cujos elementos lançámos os sonhos mais dourados.

Eram doze. Passaram três e só um por mérito!...

Gente dos treze aos dezassete anos! Uma idade fecunda!...

Nos princípios de Março, apercebi-me de alguma desorientação e de jogadas adolescentes de conveniência!

Iludidos, os rapazes julgaram que, com as suas habilidades, me enganavam, sem darem fé que os ludibriados eram eles próprios.

Também me traía, ao convencer-me que com os esclarecimentos, os estímulos e a palavra amiga os levava a bom caminho, entrava na sua consciência e os acordava. E de tal maneira que, na terceira época, avisado pelos professores que a maioria continuava a faltar às aulas, parecia-me uma ilusão após tanto lhes ter falado.

Não sei se houve droga à mistura ou algum forte aliciamento, mas foi tão estranha a conduta dos rapazes que fiquei em dúvida!

Reprovaram por faltas.

Inacreditável!

Levavamo-los à escola todas as manhãs. Esta fornecia-lhes gratuitamente o almoço!

Os meninos, coitadinhos, não iam às aulas!...

Continua na página 4

MALANJE

Madrinhas de estudantes

EM resposta ao apelo para madrinhas dos nossos rapazes, que estudam na Universidade, veio a senhora D. Maria de Fátima Mota Pinto com trezentos euros mensais. Seu afilhado é o Abel (Belito) no 2.º ano de Informática na Universidade Católica de Luanda.

Renovamos o apelo para o Jorge (Nelito) no 3.º ano de Psicologia, e para o Malamba que vai frequentar o 1.º ano de Economia.

Temos, no Seminário de Malanje, o Eugénio e o Sérgio (irmãos gémeos) a concluir o Propedêutico, que têm sido ajudados pela D. Maria do Rosário N. Ferro. O jovem Luís Sá de Bragança está dando ajuda ao Valdemar no Curso de Jornalismo.

Estão mais oito no Seminário. Têm aproveitado nos estudos. Que o Senhor ponha nos seus corações a graça da vocação. São cinco os que frequentam o Insti-

tuto de Ciências Sociais, nem todos com bom aproveitamento.

Depois, o maior grupo a tentar o primeiro emprego. Tão difícil, não só pela sua fraca preparação, como por falta de emprego.

Há o trabalho dos campos... Quase todos os jovens fogem do campo e vão para as cidades. Encontramos em Luanda uma multidão de jovens vendendo pentes, água, roupas, sabonetes, ferramentas, enfim, foi a febre do negócio que se instalou no coração do Povo. Uma vida fácil, enquanto os campos férteis estão a dar capim.

Morreu o velho Marques, das lagoas do Loquembo.

Branco bom, como o Povo o crismou. Trazia sempre nos olhos a calma e a limpeza dos lagos tranquilos. Lá tinha a sua pescaria e o seu estabelecimento modesto.

Não roubou. Não fez fortuna.

Encontrei-o, um dia, com dois meninos pela mão.

— Então?

— São meus filhos. Ficaram sem pais. Eu e a minha mulher os levámos para casa e são nossos. Tudo simples, tão belo e reflectido na superfície lisa do lago!

Veio, há dias, a viúva com o mais velho para estudar em nossa Casa. E ficou. Comoveu-me a maneira como a boa senhora o estreitou ao coração e o beijou na despedida.

Tão fácil vivermos em paz se pusermos o amor no lugar do egoísmo e da ambição. Este o caminho que nos desviaria do negro cais da 25.ª hora e nos conduziria aos canteiros floridos do quintal da nossa Casa..

«Então, agora já há paz?» Muitos me interrogam.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DESIGUALDADES — A nota que aí vai, safu da «Escalada», do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo:

«Fala-se muito, e particularmente, hoje, em desigualdade. Do ponto de vista social, essas desigualdades são gritantes: entre países e entre cidadãos do mesmo país. Evidentemente que nem todas as diferenças são condenáveis: as da cor da pele, da língua, dos costumes, do temperamento, das potencialidades intelectuais e artísticas, da capacidade de trabalho e de risco, etc. Os homens nascem todos iguais, mas todos diferentes.

Há pois desigualdades injustas e, por isso mesmo, condenáveis; e há diferenças que resultam da natureza ou da própria liberdade de cada um e, por isso mesmo, não são condenáveis. O cristianismo é a religião que primeiro e mais repetidamente proclamou a igualdade de todos os homens perante Deus, embora tenhamos de reconhecer que as sociedades ditas cristãs nem sempre tenham levado à prática social este princípio fundamental do seu Evangelho, com todo o escândalo que essa contradição provocou e ainda provoca. Mas a igualdade que a Igreja defende e proclama não se identifica com o "igualitarismo" que algumas sociedades pretendem impor, violentando e violando os direitos humanos, como aconteceu com as sociedades comunistas.

Lembramo-nos hoje dos problemas da desigualdade, não para atacarmos, mais uma vez, as injustiças deste mundo em que vivemos, embora nunca seja demais fazê-lo. Lembramo-nos deste tema, por termos confirmado, há dias, que também na pobreza nem todos os Pobres têm as mesmas possibilidades de algum alívio. É que, se uma pessoa viver uma situação dramática e tiver acesso à televisão, é quase certo que não lhe faltará a ajuda e a solidariedade imediata de muita gente que ela nem sequer conhecia, e talvez nunca venha a conhecer. Aconteceu, num curto espaço de tempo, em dois casos que me passaram pelas mãos.

Não se pode dizer que as pessoas não sejam naturalmente generosas, mas parece legítimo afirmar que só a televisão é capaz de fazer acionar essa generosidade que está dentro de muitas delas. É o poder da imagem a perturbar a consciência e agitar o coração.

Mas o que é que isto tem a ver com o tema deste texto? É que há casos que as televisões transformam em tragédias nacionais ou internacionais, e não faltam ajudas; e há outros que permanecem escondidos ou

ignorados para sempre, e as ajudas não chegam. A não ser através dos vicentinos, porque esses não devem estar à espera da televisão para os conhecer...
A.J.S.»

PARTILHA — Assinante 14493, do Porto, «com o pedido de desculpa pelo atraso, junto a minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente a Maio e Junho deste ano. Desejo a todos a melhor saúde. Agradeço, também, as vossas referências n'O GAIATO».

Lourdes, de Cacém, «manda mais um grãozinho para os Pobres. Bem haja pela vossa perseverança e força e Deus vos dê todo o apoio».

Assinante 29421, do Porto, presente com cinquenta euros. «Depois de muito tempo de silêncio por motivos de dificuldades económicas».

«Um cheque de 470 euros para a vossa Conferência, indicando os respectivos destinos. Onde quer que cheguem, que seja para consolo de quem necessita e possa servir de consolo também», afirma a assinante 31104, de Lisboa.

Assinante 20656, de Espinho, presente «com cinquenta euros para ajuda das despesas dessa Conferência. É a minha habitual contribuição do primeiro semestre de 2003».

«Junto cem euros para ajuda das despesas da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», pela mão da assinante 59467.

O assinante 32986, do Porto: «No dia de S. João foi uma excelente oportunidade para me lembrar de vós, o que faço muito gostosamente. Por isso, remeto um cheque de duzentos euros».

Assinante 53241, do Luso, com um cheque de 25 euros, «nossa contribuição relativa ao mês de Junho. A sua utilização, como habitualmente, é deixada ao vosso critério, pois melhor do que eu sabeis as maiores premências dos protegidos dessa Conferência».

Agora, temos cinquenta euros do assinante 11856, do Porto: «Peço, por favor, uma oração pelas melhores de minha Mãe».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

CARA NOVA — Mais uma vez a nossa Casa abriu a porta a um rapaz: o João, de catorze anos. O lema permanece em todos nós: desejo de felicidades para o seu caminho, pois ainda tem muitos anos pela frente.

DESPORTO — De novo tivemos oportunidade de demonstrar aos nossos adversários que somos bons jogadores de futebol.

ANO ESCOLAR — Terminou. A verdade vem ao de

cima, para os que andaram a passear os livros, ao longo do ano. Muitos dos nossos rapazes, quando lhes é feita a pergunta: «Pretendes continuar?» — respondem que não. Pois é, a média não satisfaz, a matéria não foi bem aprendida e, em muitos casos, o estudo foi insuficiente. Uma das razões que os leva a optarem por cursos profissionais é, também, a idade, porque a escola já não os pode acolher; sendo assim, muitos não poderão concretizar os seus sonhos. Este ano foi daqueles que é para esquecer.

Abílio Pequeno

PASSEIO ESCOLAR — O ano escolar terminou e, como prémio, os alunos do 2.º ciclo do recorrente e os da Telescola fizeram um lindo passeio pelo Alentejo.

O despertar foi alegre e a viagem animada. A cidade de Beja foi o primeiro destino. À chegada, um afável e competente agente da Polícia guiou-nos pelas principais artérias da cidade. Visitámos o Museu Rainha D. Leonor, com a sua admirável igreja de talha dourada, e o impressionante andar de S. João.

Piquenícamos no parque de merendas da cidade.

A barragem do Alqueva foi o destino seguinte. Ali pudemos apreciar a grandiosidade daquela obra. Aqui, se comprova que quando: «Deus quer, o Homem sonha, a obra nasce».

A cidade-museu, Évora, deliciou-nos a todos. De entre os inúmeros monumentos, que encerra dentro das suas muralhas, a Igreja de S. Pedro, com a célebre Capela dos Ossos, e o Templo romano de Diana causaram, em todos, uma profunda admiração.

Chegámos cansados a Casa, mas felizes e, de certeza, mais ricos em conhecimentos e espiritualidade.

Alunos do 2.º Ciclo

SETÚBAL

CARAS NOVAS — Vieram, para cá, três rapazes. São: o Diogo, o Fábio e o Igor. Os primeiros são irmãos e gostam de ajudar nas tarefas diárias. O Igor passa a ser o nosso «Bata-tinha» mais novo.

FÉRIAS — Aproxima-se o final de Julho e o primeiro grupo da praia está quase a regressar para a quinta. O segundo grupo está ansioso por ir passar as suas férias. Na Arrábida tem estado a D. Celeste, uma senhora amiga da nossa Casa.

BAR — O chão do exterior está quase pronto. O interior vai avançando também. Até estar pronto ainda há muito trabalho a realizar.

VACARIA — Nasceu um vitelo que estava no viteleiro e



Malanje — a nossa equipa de futebol.

já passou a ter a sua casinha. Tem gostos diferentes dos outros — não gosta de leite. A nossa produção de leite tem sido boa.

António Loureiro

MALANJE

COLHEITAS — Desta vez, com muita sorte. O milho e a batata doce caracterizaram o fruto do nosso labor. Extensos campos de milho foram colhidos, por nós. Foram semanas de trabalho árduo, na colheita do milho, que regista quantidade considerável. Valeu a pena o nosso esforço, e creio eu, que a fome, nos países do Terceiro Mundo, já teria diminuído se o desejo de trabalhar fosse tão grande como este, que nós tivemos. O trabalho dignifica a pessoa, ajuda o homem a crescer, mas também ajuda a resolver os mais graves problemas económicos. Queira Deus que nos próximos anos sigamos com a mesma força de vontade, nos trabalhos que diariamente executamos. Como diz o adágio: «não basta receber, é preciso trabalhar». É justo. Hoje, porém, sem menosprezar as ajudas que nos são concedidas, saboreamos o fruto que o nosso trabalho produz: o nosso milho, a nossa batata, etc. que acompanham as refeições do dia-a-dia.

OBRAS — Há já muitos anos que a nossa Casa foi feita. Agora, verificámos uma reabilitação integral no que respeita à canalização da água. A obra está a cargo de um empresa de construção civil, que começou há poucos dias a mexer com tudo. Nas casas-de-banho e banheiros tudo está novo, tudo está lindo. De salientar, também, o novo visual da nossa copa e da cozinha: novos balcões e fogões. Está tudo muito bonito. Queira Deus que continuemos sempre em frente.

HORTA — Está como nunca. O repolho e outros pro-

duto estão um mimo. A colheita ainda não começou, mas tudo leva a crer que para além do necessário ao nosso consumo, ainda teremos para vender.

ESCOLA — Começou o novo ano, com novas motivações. Melhor do que antes, o estudo, este ano, está a ser encarado com mais responsabilidade e seriedade. Todos mostram um elevado grau de motivação. Esperamos que o rendimento académico melhore. O esforço continua a ser persistente e a motivação continua a crescer. A Deus, a nossa gratidão por tudo.

Malamba

DESPORTO — Fomos convidados para participar num campeonato provincial da Taça do Presidente, que tem como patrocinador a Fundação Eduardo dos Santos.

Estarão presentes oito equipas. Com a qualidade dos nossos jogadores, esperamos vencer e dedicar a vitória ao nosso Fundador: Pai Américo.

O campeonato de futsal terminou. A falta de equipamento adequado para a prática desta modalidade influenciou o rendimento dos nossos atletas. Mesmo assim, conseguimos chegar ao terceiro lugar e o «Pirata» conseguiu ser eleito o melhor jogador; o Sebas, foi o melhor marcador do campeonato. Perdemos o primeiro jogo (de uma série de oito), mas a derrota foi para nós uma tomada de consciência e serviu para catapultar os nossos jogadores para os restantes jogos.

Realizámos, também, um jogo amigável de basquetebol com a Selecção de Maxinde. Jogo que vencemos e onde conseguimos atingir os 100 pontos.

A dificuldade em termos equipamentos adequados para as diversas modalidades desportivas que praticamos em nossa Casa, têm condicionado um pouco o desempenho dos nossos atletas, por isso pedimos, a quem queira e possa, que nos ajude neste particular. Desde já agradecemos.

Sebas

MIRANDA DO CORVO

RAPAZES — O Marco Paulo está no Hospital à espera de ser operado. Teve um aneurisma, uma doença que geralmente aparece nos idosos e muito raramente nos jovens como o Marco Paulo, de dezoito anos.

Aconteceu no sábado, de manhã, quando nos dirigíamos para a sala de jantar, para tomar o pequeno-almoço. Diz, quem o viu, que ele estava bem disposto. Depois, sentou-se na beira do poço, que fica no largo, e, de repente, caiu desmaiado. Foi levado para o Centro de Saúde de onde foi encaminhado, directamente, para o Hospital Universitário de Coimbra.

No primeiro dia, o Marco Paulo permaneceu inconsciente, mas sem entrar em coma. No Domingo, já tinha noção das coisas e das pessoas.

O Marco vai ser operado ainda esta semana. É uma operação muito delicada e difícil.

Todos pedimos a Deus para que a operação corra bem e que o Marco se mantenha entre nós. Queremos também dar uma força ao seu irmão, Rogério, que certamente está a sofrer muito.

O Manelzito também está internado num Hospital devido a um problema dos ossos.

Desejamos aos nossos doentes, uma recuperação rápida.

PRAIA — As férias, para a maioria dos nossos rapazes, já começaram e está na altura de ir para a praia.

Contudo, devido ao facto dos rapazes mais velhos se encontrarem a trabalhar e só terem férias em Agosto; não estando o Manelzito em Casa e sem chefe, a ida para a praia, que estava previsto ser logo a seguir ao encontro dos antigos gaiatos, está em risco de ser adiada.

ANTIGOS GAIATOS — Em 6 de Julho realizou-se,

PÃO DE VIDA

Lixo nas ruas

Os tesouros humanos que nos são confiados vivem, nas nossas Casas, em ambientes que podem ajudar a curar, quanto possível, feridas do coração, usufruindo de espaços físicos saudáveis e com horizontes vastos.

Numa sociedade consumista e com a economia vacilante, vão chegando dons para pôr a mesa, vestir e outras necessidades. A Providência também não abandona o resto daqueles que se poderiam perder. No povo de Deus, e dito afastado, há quem acredite na multiplicação dos bens. Dar, neste mundo, a pessoas vivas para que vivam. Dar-se, por inteiro, é mais exigente.

No ritmo diário, os resíduos dos produtos alimentares, fora da mesa comum, podem ser ocasião de transtorno caseiro e até agressão ambiental. Daí que se acentue a educação para a limpeza, não só exterior; o que se revela um itinerário longo e penoso, mas que pode, por vezes, ser gozoso.

Aqueles que estão encarregados de apañar papéis e plásticos, percorrem, desgarrados, os arruamentos da nossa quinta, em cata de lixos domésticos para reciclagem.

Um pátio precisava de uma barrela. O «Chuchu» comprometeu-se a limpá-lo e cumpriu a palavra dada, sem vigilante.

Doutra vez, em dia do Coração de Jesus,urgia uma limpeza à nossa Capela, antes da Ceia do Senhor.

— Quem limpa?

— São os do refeitório.

Ao repto, ficaram renitentes, com o imprevisito; todavia, outros mais arredios juntaram-se, para os animar e ajudar.

Era consolador vê-los, ligeiros e alegres, a espanar! O trabalho feito por eles tem um valor incomensurável.

Nesta civilização, cuja modernidade é discutível, denotam-se alguns sintomas de males endémicos e fatais para a célula base. Lança-se fora o que não presta, depois de se consumir a última novidade, anunciada pela publicidade.

Os que não têm família capaz não se podem confundir, claramente, com papéis e brinquedos, porque são da linhagem de Jesus. O Amigo dos homens fez-Se Homem.

Padre Manuel Mendes

Correspondência dos Leitores

«Posso dizer que é com certa alegria que, em mais uma Páscoa, venho comunicar convosco, o mesmo é dizer com a Obra da Rua.

Em jeito de renúncia, como partilha, a substituir talvez outros que de momento queriam dar, quero concretizar desta maneira o que

muitas vezes me vai na alma.

Que o Senhor me perdoe se apenas desta maneira quero ajudar os irmãos. Quando leio o querido Jornal, as vossas palavras, qual tesouro, singelas e grandes ao mesmo tempo, do mundo e do Evangelho, os vossos pensamentos dia-

-a-dia da Casa, com tanto de sacrifício e de oferta ao rapaz da rua, como me sinto pequenina.

Como tão longe anda a nossa sociedade portuguesa do vosso testemunho, da vossa fidelidade ao caminho traçado pelo bom e santo Pai Américo. Amar e

em nossa Casa, o encontro anual dos antigos gaiatos.

Foi bom vermos tantos rapazes que a Casa formou e que estão integrados na sociedade, como pessoas de bem.

DESPORTO — Acabaram os treinos de futebol. Ninguém sabe dizer porquê. O certo é que os rapazes deixaram de jogar futebol, tanto nos recreios como no tempo destinado aos treinos. Dizem que é por falta de material. Por isso, pedimos aos nossos amigos que nos ajudem, pois o desporto é parte importante da nossa vida.

ESCOLA — Acabou mais um ano lectivo para a maioria dos rapazes. Esperamos que os resultados sejam bons. Só no secundário é que temos um rapaz ainda em exames. Boa sorte para ele.

Adriano

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— «Mestre, tem piedade de nós!», era o grito daqueles dez leprosos que, naquele tempo, pediam ajuda ao Senhor.

Quantos motivos não temos nós, agora, para assim rogar ao Pai do Céu?

Quanta gente faminta por esse mundo além...

E aqueles que podiam ajudar a combater a fome, andam preocupados em encontrar meios para combater, precisamente, os que lutam por um bocado de terra, para grangear o pão de cada dia.

Assim o ódio se vai alastrando por toda a terra. Assim o medo vai tomando conta de nós. Medo de morrer à fome. Medo que nos tirem o sustento da família. E, assim, em vez de produzirmos alimentos, preocupamo-nos em arranjar meios mais sofisticados para nos matarmos uns aos outros.

Então, diz-se: «A solução está nas mãos de Deus». Mas será que está mesmo?...

É certo que Deus é Paz, é Amor, é tudo de bom para o homem.

Então, não foram dez os curados?... Onde estão os outros nove?...

É que o nosso egoísmo fecha o coração ao Amor do Pai, não nos deixando ver mais além.

«Para mim, tenho; os outros que se arranjam». E como não existe amor sem Deus, também não há amor aos outros. Assim, eles continuam a morrer à fome e a serem esmagados, pelos mais poderosos. Neste termo «poderosos», estão inseridos, não só os senhores mais ricos do mundo, como todos aqueles que, à custa do Pobre, tudo fazem para enriquecer, deixando o Pobre cada vez mais pobre.

Quantos dos nossos amigos, que são visitados por nós, são prejudicados por pessoas sem escrúpulos, e sem o tal amor que deviam ter por Deus,

fazem parte do grupo dos nove que não souberam agradecer.

Porque não meditamos, todos os dias, na Palavra e vida de Jesus Cristo? Porque não procuramos a reconciliação e a paz, em vez da vitória pessoal? Porque não mantemos o nosso comportamento e as nossas palavras no Amor de Deus? Porque não sacrificamos um pouquinho dos nossos interesses pessoais para que outros sejam mais livres e tenham mais pão? Onde está a nossa cortesia para com os inimigos? Porque não nos dedicamos um pouco ao serviço dos nossos irmãos mais desfavorecidos? Porque não acabamos com toda a espécie de violência?

O mundo seria, por certo, mais feliz se cada um respondesse a estas perguntas e actuasse de acordo com a vontade de Deus...

Como o Senhor nos recompensaria!...

«Mestre, tem piedade de nós!»

Ao iniciarmos a visita aos nossos Pobres, fomos encontrar a senhora que estava a chegar da hemodiálise, subindo a escadaria íngreme que dá acesso à sua casa. Já ia tão aflita que pedia ao Senhor para lhe mandar a morte. Chegámos um pouco tarde, mas ainda a tempo de a ajudar a subir os últimos degraus.

Os seus agradecimentos, mesmo por tão pouco, fizeram com que meditássemos no muito que recebemos pelo pouco que fazemos, e que eles tanto agradecem.

Olga e Valdemar

seguir Jesus no irmão que sofre, no rapaz que é desprezado, em tudo como ideal evangélico.

Bom, mas isto tudo para vos dizer, perdoar-me-á o tempo que lhe possa roubar, que venho dar umas amêndoas de Páscoa para a Obra, que se dividirá segundo a vossa vontade, também para o caso daquela família aflita com o arranjo da sua própria casa e com problemas de saúde, que vê o seu sonho a quebrar-se.

Na minha humilde voz, quero juntar-me aos vossos «Aleluias». Dar graças ao Senhor Ressuscitado e convosco pedir muita Fé e Esperança para este mundo tão conturbado.

Assinante 21374

«Remeto o meu cheque com o pedido de desculpa por tão grande atraso. Motivos muito fortes impediram-me de enviar o donativo com a assiduidade habitual.

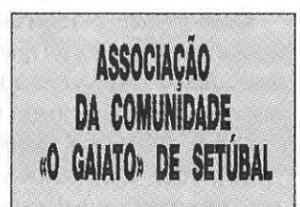
Continuo a ler com interesse o vossa Jornal e a achar magnífica a Obra que continuam a realizar, Obra cheia de amor e de entrega.

Que este pequeno donativo possa servir para juntar a tantos outros e assim ajudar a beneficiar os vossos rapazes.

Assinante 49510

«Envio um cheque para pagamento da assinatura do nosso querido O GAIATO. É na sua leitura que eu encontro resposta às atrocidades da vida. Agradecida, pois.

Assinante 14490



ENCONTRO — Estava um dia esplêndido, convidava qualquer pessoa a uma banhoca na nossa «olímpica» piscina. O dia começou com a Santa Missa e terminou numa merenda, com bastante fartura. O número de presentes, já começa a ser hábito, pelo que quem vem, é que vê a alegria destes rapazes, desafiando-nos para uma peladinha, ora perguntando as nossas alcunhas, enfim, um fartote de risadas, etc. Tivemos, também, uma Assembleia Geral Extraordinária para marcar o ponto e esclarecer a situação da nossa Associação. Porém, ficou marcado para dia 14 de Setembro, pelas 10.30h, na nossa sede, uma Assembleia Geral Extraordinária para dar o dito a toda esta situação. Foi bom o que se disse; agora, será pôr em prática.

Como não posso deixar de o dizer, a Festa dos gaiatos, no Luísa Tody, foi bastante bonita, com mensagens muito interessantes. Aqueles de ouvidos duros, não sentem a mensagem, eu senti a maravilha do que vivi noutros tempos, é sempre bom recordar, é como estar a ouvir o Evangelho. Para terminar, espero-os no próximo ano.

César Amante

DOCTRINA

De como foi o nosso Natal de 1944 e das coisas que naqueles aconteceram



MUITO antes do dia próprio, começaram os trabalhos do presépio. Veio o musgo dos montes, os arbustos dos silvados, a palha dos telheiros. Os pequeninos obreiros da comissão instalaram a seu bel-prazer as figuras de barro. Levantaram pontes, fizeram caminhos, puseram moinhos de vento a andar, inspirados no símbolo da Obra da Rua e nas coisas da Natureza. O rei preto montado sobre um camelo foi de todos o mais mirado. «Olha o rei preto!» O Filipe, do Seixal, declarou incontinentemente que na terra dele há um preto. Os nossos pequeninos pastores, por sua vez, não se cansavam de espreitar um rebanho de ovelhinhas brancas que pastavam nas cercanias. A luz, dentro de lâmpadas pequeninas de vidros de cor, era o cúmulo do espanto. O Menino Jesus, muito coradinho, estava ao pé da Mãe no Seu trono de Pobreza que é o segundo sinal do cristão.

ENQUANTO a comunidade infantil andava assim ocupada com as coisas simbólicas, ia-se-lhe dizendo, por palavras ao seu alcance, das realidades da Pessoa adorável de Jesus. Uma vez informada a Comunidade do mistério do Natal do Menino, facilitou-se-lhe a comunhão real e substancial do Corpo do Senhor. Da Cruz para cá não há símbolos. Quem se contenta com as figuras, não penetra nas Verdades eternas. Eu peço perdão de me exprimir desta maneira. Sei que uma grande parte dos leitores d'O GAIATO gostaria que eu não fosse sacerdote. Os nossos pequenos vendedores do jornal trazem-me notícias desta afirmação: — Vocês lá em Casa rezam? — Rezamos, sim senhor. — Vai-te embora com o jornal!

EU, porém, não me parece ser obrigado, nem me quero obrigar a depor armas. Não foi de maneira nenhuma o carácter sacerdotal que me criou no peito convicções; antes, por causa destas, abracei aquele. Mas também não desejo impor a quem quer que seja o meu credo. Nem mesmo aos meus filhos! Se amanhã viesse a ter à nossa porta um pequenino judeu ou um pequenino protestante, entrava e seria tratado consoante o seu credo. E tu mandas embora o jornal com desdém só porque os meus filhos rezam! Assim entendes a liberdade?... Eu cá não.

O. Amante

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

A leitura

Um livro que ninguém escreveu
Um mar para descobrir
Um dia triste ao escurecer do céu
Quando vi o livro abrir
As suas páginas bordadas de ouro
Com o bater leve do vento
Tão leve que num simples sopro
Desfolhava as páginas lentamente.
Das suas páginas, transmitia paisagens
Maravilhosas de outro horizonte
Que só o livro de bom senso transmite mensagens
Com toda a naturalidade.
O vento continuava a soprar levemente
Na paisagem a beleza de encantar
Para quem vem de longe com um olhar transparente.
Há muito tempo desejo ler este livro
Um livro misterioso,
Ah, lá no fundo vejo uma rosa
Com o visual de bem-me-quer
Apenas procuro ouvir e compreender.
Palavras lindas soltando do livro
Da paisagem é libertado o perfume encantador.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

Os rejeitados

PROFESSORA amiga apresentou-nos o pequeno: «mora em tal sítio! Aparece na escola, muitas vezes, com sinais de sofrer violência. É um rejeitado».

Fomos conhecê-lo. É uma criança de olhar triste, distante, sofredora. Um rejeitado de que ninguém gosta.

No regresso, assaltou-nos a ideia dos direitos, direitos da criança que não estão a ser cumpridos. Fomos pensando em alguns outros direitos que a sociedade actual é profícua em estabelecer. E vemos que não têm cumprimento completo, longe disso.

Entramos pela Escritura Sagrada: se não respeitam os direitos dos homens como hão-de respeitar os direitos de Deus? E vive-versa, uma

sociedade sem Deus como há-de ser uma sociedade de todos os homens? Nunca tal foi possível.

A vida não tem sido fácil para este pequeno. Ainda bem que ele não conhece os seus direitos, caso contrário a sua tristeza seria maior. Não lhes digam por favor.

Nem família, nem lar, nem futuro; como poderia ter ele correspondido ao meu sorriso com que procurei inculir-lhe confiança?

Parece-me que já vai sendo tempo de esta sociedade ser mais realista e de deixar o seu comportamento infantil. De pôr de lado tanto do lúdico que a ocupa e a faz desperdiçar tantos dos seus bens. Carros, casas, jantares insaciáveis, são mais próprios de uma idade juvenil. O

comportamento adulto é necessariamente mais equilibrado.

O pequeno de olhar triste e sofredor acusa: como posso viver assim, tendo tantos defensores de gabarito?! Ao menos que Deus me defenda!

Desci as escadas apressadamente pensando naquilo que lhe queria ter dito e não disse: que temos uma casa e uma família, que queríamos santa, para ele; que temos uma piscina para ele nadar e um campo de futebol onde poderá jogar á-vontade; que temos o verde da natureza em abundância para que ele ganhe esperança na vida. Tive medo que soassem a promessas...

Depois, a escola, o trabalho... pode ser que ainda venham a fazer sentido para ele no futuro.

O seu nome assenta com a pessoa, pensei. Como o primeiro, traído pelos seus, enquanto louvava a Deus no íntimo do seu coração. Gostávamos de lhe ser úteis, para evitar similar fim trágico.

Padre Júlio

Benguela

Continuação da página 1

mais velhos: «Os gaiatos são muito unidos». Quem dera seja sempre assim.

Ainda não disse tudo, o mais importante, da visita inesperada do «Solano» com a Bety. Fazem 25 anos de casados e querem juntar a Festa da Obra à festa das Bodas de Prata do seu Matrimónio. Que maravilha! Ficam muito pertinho uma da outra. O mesmo espaço que os viu nascer família cristã vai ser testemunha da renovação do compromisso então assumido. Presidi à celebração do seu Matrimónio, há 25 anos. Voltamos a encontrar-nos, agora, depois de uma caminhada que não foi isenta de dificuldades e problemas. Mas o lar está de pé. Há pouco tempo, houve festa idêntica com o Paulo e a Paula.

O dia da Festa da Obra da Rua é tempo de reflexão, dizia. Sermos capazes de admirar o bem que o Espírito de Deus fez e continua a fazer ao longo da sua existência; e sermos capazes de ver as falhas que impediram se fizesse mais. Julgo que o mais importante é a escuta do que Deus quer da Obra da Rua, em cada tempo.

Padre Manuel António

Momentos

Continuação da página 1

Os professores chegaram a chamá-los dos lugares de recreio e... mesmo assim foram maltratados, segundo nos informaram.

Deste modo, meus senhores, quem educa?...

A lei que obriga os jovens a níveis de escolaridade não pode ser papel.

Se os adolescentes são muito influenciáveis, é urgente criar-lhes boas influências e travar-lhes a força dos maus instintos incontroláveis.

Todos os educadores sabem que esta fase do crescimento é de muita turbulência interior e por isso necessita de acompanhamento sério com mão firme e coração afectuoso.

A lei dá à escola alguma capacidade, mas não a necessária para tantos casos, onde ela se transforma numa verdadeira experiência de perversão.

A Bíblia é severa com os pais que não corrigem os seus filhos, usando uma linguagem forte, talvez ultrapassada, mas com o sentido tão actual como marginalizados pela cultura e pelos códigos vigentes.

Os frutos desta falta de firmeza estão à vista.

Naturalmente, os rapazes reprovados sentem hoje melhor a sua situação. Sofrem com ela sem ainda perceberem o alcance das suas perdas, amanhã se revoltarão contra as estruturas que não os seguraram.

Os castigos não foram leves: — Ficaram privados de férias, de praia e de piscina neste Verão.

Custou-nos muito, mas teve de ser.

Todos se comprometeram em conversa individual, e por escrito, com assinatura e data, a cumprirem com rigor os deveres escolares do próximo ano.

Dado o contexto legal em que estamos inseridos, é-nos impossível infringir a lei que os protege, castigá-los doutro modo, mas se começarem a faltar de novo, venham os processos judiciais que vierem ou as condenações que forem proferidas, os meninos saltarão mesmo da escola.

Seguindo o pensamento do Padre Américo, antes quero ignorantes que devassos.

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

Sim, os tiros cessaram; as estradas ficaram cheias de *camions*, sem acontecerem ataques de morte.

Não basta para a paz. Esta é realidade mais profunda e exigente.

Esta paz exigente supõe o amor aos outros, sobretudo, aos mais carenciados de pão, de títulos e de voz. Se no nosso coração faltar o amor, faltará a paz.

«Farei correr a paz como um rio», «as colinas cobrir-se-ão de trigo...»

Trigo para todos!

Como o sol e o mar!

Todos nós podemos olhar as estrelas nas noites límpidas!

Os bens da terra são de todos...

Compete ao Estado fazer para todos os acessos a tais bens. A este processo alguns chamam justiça social. Seja. Também podemos dizer: Fontes de paz.

Depois, cada um, na posse e gozo dos seus direitos, ame e cumpra os seus deveres...

Então, será a paz como um rio.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Nos arraiais do bem-fazer, duvidar é ser vencido.

PAI AMÉRICO

Notas do Tempo

COMPREENDE-SE que este mundo dominado pelo império de *Mammona*, ruidoso e obcecante, tenha dificuldade em ouvir a advertência de Jesus: «Não podeis servir a Deus e às riquezas»; e mais, em aceitar a Sua palavra de ordem: «primeiro, procurai o Reino de Deus e a Sua Justiça e tudo o mais vos será acrescentado».

Mammona, hoje, não tem já por único logotipo o *cifão*. É tecnicista, polivalente, ubíquo, mercê de variados canais de comunicação — senhor de estratégias e projectos do paraíso terreal, servidos por «marketing's» de grande imaginação. Quão difícil fugir-lhe ao engodo! E para os atingidos por esta «ciência» de viver — Deus, o Seu Reino, a Sua Justiça não serão coisas de outro mundo, inúteis para o progresso deste?...!

Se muitos não se atrevem a responder afirmativamente a esta interrogação, nem por isso a sociedade amorfa que as multidões constituem, deixa de ir sendo construída sobre fundamentos só de matéria, corruptível de sua natureza, o que abrevia o

prazo de validade das sucessivas experiências sociais que caducam antes de se lhes verem frutos. Fazem falta no mundo ideais de longa trajectória que temperem a fogueira de movimentos que vão surgindo, portadores de entusiasmo e expectativa, mas realizados com energia de lenha miúda — e, por isso, tão depressa se apagam, sem deixarem os homens mais próximos da sua verdade. O homem em multidão tende a afogar-se nela e perde os sentidos: de si e dos outros; define-lhe a consciência da sua missão de obreiro do mundo, que é dele e para ele, em comunhão de bens com todos os homens, comunhão que se quer em incessante devir de autenticidade. Será verdade que esta autenticidade é meta que o mundo está perseguindo, com a abundância de propostas de pensamento e acção a dizer que sim?... Como?, se ele nos aparece cada vez mais de menos homens e o abismo entre estes poucos e os restantes é cada vez mais fundo!

O erro parece-me exactamente no ponto de partida: no homem real que todos somos, presa fácil de *Mammona*, o *deus*

de todas as soberbas, o qual lhe ilude a inteligência e perverte a vontade, fazendo-o julgar-se capaz para estabelecer e ministrar a Justiça e por ela erguer no mundo um reino de paz. Uma tarefa que transcende o homem! Devemo-nos a ela como obreiros indispensados na execução de um projecto que tem Autor. Daí a prioridade estabelecida por Cristo: O Reino de Deus, procurado com integridade e pureza de intenção, como *alma* do que os homens podem e devem fazer para a implantação da Justiça no mundo. E de todo o necessário, Ele é o garante na hora própria..., à mistura com contradições de toda a espécie que são o ácido que o mundo oferece — o «contraste» do Divino no humano. Diploma Constitucional deste Projecto? — O Evangelho lido nas linhas e reflectido nas entrelinhas e posto em vida ao extremo das consequências a que esta leitura e reflexão levar.

Infelizmente não se pensa nem se age nesta linha num mundo em que o *buraco de ozono* espreita e ameaça, e o *efeito de estufa* se vai pressentindo opressor em inseguranças crescentes e em desencanto.

«Pão e circo», em formas novas e mais diversificadas, permanece afinal a velha fórmula com que se anestesiam os homens

para os distrair de problemas fundamentais que se sintetizam em um problema: o homem em busca da sua verdade. Porque é realmente de um deficit de humanidade que sofre o nosso mundo, onde a palavra de Paulo VI ressoa — era bom que ressoasse! — cada vez com mais veemência e oportunidade: «Homens, sede homens!»

Porém, a orgulhosa obstinação deles não os tem deixado ouvir e atender a este grito de alerta; antes parece quererem reincidir em experiências que não deram frutos. Nem darão... porque construir torres magníficas que num instante são ruína, é do poder do homem; mas levantar no mundo a verdadeira, a indestrutível *Babel* que indique o sentido e se faça caminho para o homem cumprir o seu destino de paz e bem, só com o poder de Deus. E a Deus continuam os homens a não dar lugar na arquitectura dos seus projectos. É o que se diz estar para acontecer na próxima futura Constituição da Europa — talvez mais um sonho de *Babel* a juntar a tantos que a História regista. Oxalá que não. Antes quero acreditar, com um jornalista lido estes dias, que «com um humanismo de raízes cristãs, a Europa possa apontar ao mundo uma nova visão do Homem».

Padre Carlos